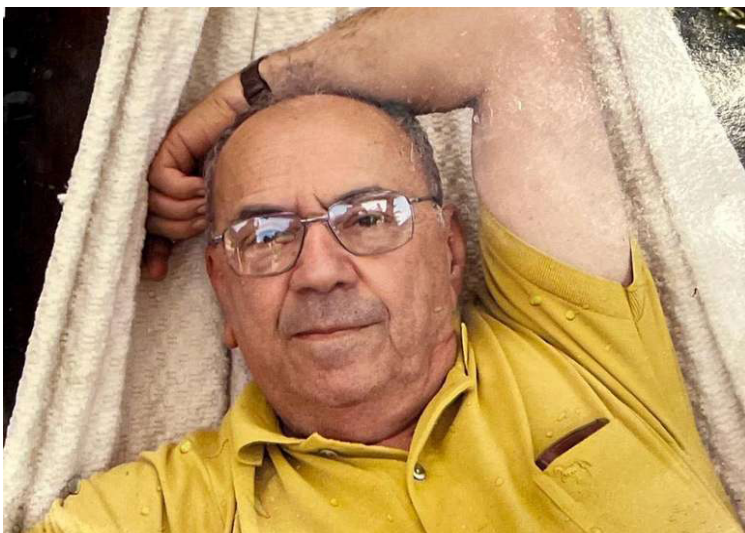


DEDICATÓRIA

Este número da *PhaoS* é dedicado ao Professor Antônio da Silveira Mendonça, cujas atividades no Instituto de Estudos da Linguagem foram essenciais para o desenvolvimento e consolidação da área de Estudos Clássicos do Departamento de Linguística. A seguir, apresentam-se depoimentos de professores que conviveram com Mendonça.



Antônio Silveira Mendonça, sempre inspirador

Pedro Paulo A. Funari (IFCH, Unicamp)

Antônio da Silveira Mendonça (1930-2023) foi-me apresentado por minha orientadora, Haiganuch Sarian, no início da década de 1980, quando estava no mestrado, em Antropologia Social, na Universidade de São Paulo. Naquela ocasião, a Arqueologia estava na pós em Antropologia Social, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), de modo que estávamos todos no mesmo âmbito acadêmico. Poucos anos depois, a Arqueologia estaria em programa próprio, sediado no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, onde eu concluiria o doutoramento, em 1990. A

interdisciplinaridade era ainda maior e mais ampla no início da década de 1980, com o compartilhamento da vida acadêmica na FFLCH. A Haiga, nome pelo qual a professora Sarian era conhecida, indicou-me sempre, ou melhor, desde o início, que eu deveria aprimorar os estudos de idiomas. Como estudioso da Antiguidade Clássica, romana, em particular, a Haiga indicou-me o convívio e aprendizado com latinistas, a começar pelo professor Mendonça, mas também me recomendou o Alceu Dias Lima, este em Araraquara, na Unesp. Disse-me que me aproximasse de todo latinista, ou seja estudioso das letras latinas, aos quais tivesse acesso, como foram tantos, já naquela época: Ariovaldo Augusto Peterlini, Ingeborg Braren, Zélia de Almeida Cardoso. Como helenista, recomendou-me o mesmo no âmbito do grego, o que fiz com a Gilda Maria Relae Starzynski, José Cavalcante de Souza, entre os pioneiros e que já não estão entre nós.

No início dos anos 1980, vivíamos, ainda, sob a ditadura militar (1964-1985) e isso explica que a Universidade de São Paulo tivesse transformado a moradia estudantil (Crusp Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo) em salas destinadas aos cursos de Letras, privados de uma sede própria no campus do Butantã, na Cidade Universitária. As salas de aula de graduação estavam alocadas nos favos das Colmeias, de modo a que todo o sistema de convívio da antiga moradia deixasse de existir. A Anistia (1979) e a preparação das eleições de 1982 para governadores proporcionavam um ar mais respirável, mas o curso de Letras continuava naquelas instalações improvisadas. Foi nesse contexto que tive a grande oportunidade de seguir o curso de pós-graduação do professor Mendonça: O *Bellum Iugurthinum* de Salústio e a Historiografia Romana, no segundo semestre de 1982.

A disciplina constituía-se de dois momentos diversos, mas articulados. Por um lado, durante todo o semestre, tratou-se do ambiente político, social e literário da época de Salústio, da função social do historiador, dos modelos gregos e das fontes (*Quellenforschung*), das pesquisas sobre as causas dos acontecimentos históricos, da composição do texto, narrativas, discursos, retratos, linguagem poética e história. Mendonça explorava, ainda, o discurso direto e indireto, a Conjuração de Catilina e a política interna, a Guerra de Jugurta e a política externa e concluía com a fortuna histórica de Salústio. Programa imenso e erudito, que muito nos cativou, nós que seguíamos a disciplina. O professor Mendonça encantava-nos ao tratar desses temas, sempre recheados de referências extensas e bem explicadas de cada questão gramatical, semântica ou estilística. Cada termo discutido era esmiuçado pelo professor e os inúmeros vocábulos tratados por ele ficariam gravados na minha memória e serviram-me de inspiração metodológica na minha própria prática didática posterior. Um só exemplo bastará para dar uma ideia do que Mendonça ensinava: *impedimenta* (bagagem militar). Mostrava de onde vinha a palavra, de *in + pes, pedis + io* (*impedio*: fazer os pés balançarem, impeço, atrapalho),

de onde “as que coisas que atrapalham, embarçam” ou *impedimenta*, tenha adquirido o sentido de suprimento militar que, embora necessário, atrapalha a marcha. O mesmo procedimento era feito com inúmeros vocábulos a cada frase. Tornava tudo muito claro e fixava na memória. Saia-se a cada aula com muitas anotações e encantados todos. Para além do campo semântico, Mendonça tinha procedimentos semelhantes na parte gramatical, como ao explicar a *consecutio temporum* (sequência dos tempos verbais) e os discursos direto e indireto. Na estilística, explicava a *inconcinnitas* (desarmonia) ou a parataxe (sequência de frases sem conjunção coordenativa) com recurso, sempre, ao texto da Guerra de Jugurta. Cada aula era um espetáculo.

Havia outra atividade no curso, com a participação de cada um dos poucos alunos: a tradução em sala de aula do texto do *Bellum Iugurthnum* do capítulo 57 até o final da obra. Cada um traduzia uma frase, a começar pelo próprio Mendonça. Os alunos éramos Antônio Chelini, William Li, Norberto Luiz Guarinello e um latinista cujo nome não recordo, pelo que éramos seis com o Mendonça. Cada um de nós lia a frase em latim e a vertia para o português, na espera dos comentários filológicos, etimológicos e sintáticos do Mendonça. Havia, também, a transposição de períodos em discurso direto para discurso indireto e vice-versa. Como trabalho de fim de curso, cada um de nós produziu uma tradução integral da Guerra de Jugurtha, desde o início da obra. No meu caso, com uma breve introdução e notas. O professor Mendonça publicou a sua tradução em 1990 e eu a minha em 2002, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, em um volume intitulado “Letras e Coisas”.

Essa experiência marcou-me de maneira decisiva, não só no estudo do idioma latino, como na metodologia de estudo e de ensino e levei essas lições comigo nas aulas de História e Arqueologia, ao esmiuçar a tradição textual e ao estimular a participação dos estudantes na experiência filológica de textos. No estudo, busquei aplicar o que aprendi com o Mendonça na análise, tradução e publicação de inscrições, além da literatura antiga. Foi fundamental para que eu pudesse publicar selos anfóricos e *tituli picti* inéditos, assim como grafites e inscrições pintadas, documentos epigráficos em geral, a partir de meados da década de 1980, assim como na versão de obras da tradição textual. Sempre procurei seguir as indicações do mestre Mendonça sem, claro está, o mesmo êxito, mas só a busca já me honra.

Outro aspecto a ser enfatizado eram os ensinamentos do professor Mendonça sobre a tradução em si, pois ele ressaltava que a versão de chegada em português devia privilegiar a compreensão de quem não domina a língua de partida, no caso, o latim. Mesmo ao tentar manter o sabor do original, aconselhava balancear isso com a compreensão imediata do sentido, sem necessidade de notas. Assim, acusativo com infinitivo e o ablativo absoluto eram sempre motivo de reflexão em como se poderia traduzir, nesse balanço

entre fidelidade à concisão e à fórmula original e à fácil inteligência em português. Devo, portanto, a essa convivência tão inspiradora com o professor Mendonça muito do que estudei, traduzi e publiquei desde então.

O professor Mendonça, anos depois, passou a atuar no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, e nos tornamos colegas, já que comecei minha trajetória na Unicamp em 1992. Já antes disso, encontrávamo-nos com certa frequência na USP ou em reuniões da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), mas o convívio intensificou-se com nossa coincidência na Unicamp. Em 1995, o professor Jorge Coli convidou-me a publicar a Revista de História da Arte e Arqueologia (agora, Revista da História da Arte e da Cultura) e convidamos o professor Mendonça a publicar uma tradução inédita de parte da História Natural, de Plínio o Velho, sobre a pintura RHAA, 2, 1996, 317-330). Lá na Unicamp, ainda, orientando-me seguiam admirados os cursos com o professor Mendonça, como a Renata Senna Garraffoni, hoje professora titular da UFPR. A amizade com seus antigos orientandos, professores na Unicamp (Francisco Achcar, Paulo Sérgio Vasconcellos, Marcos Aurélio Pereira, Isabella Tardin Cardoso), USP (João Ângelo Oliva Nero, Ingeborg Braren) e Unesp (Djalma Dezotti) sempre acabavam por nos recordar, com saudades, das aulas e ensinamentos do Mendonça. As visitas à sua casa na Lapa, em São Paulo, capital, eram ocasião para revivermos momentos de aprendizado pois, generoso, nos recebia também quando da vinda de professores notáveis do estrangeiro. A simplicidade, camaradagem e bom humor do professor era contagiante e seus antigos alunos também se mostraram seguidores do mestre ainda nesse aspecto pessoal e humano.

Mendonça deixa-nos como legado tanto, mas eu enfatizaria a formação de grandes estudiosos, também dedicados a formar pessoas, de maneira que mesmo os que não foram alunos do professor Mendonça beneficiaram-se e beneficiam-se da sua atuação. Para mim, ele deixa tantas lembranças inspiradoras e a sensação de que devo ao generoso mestre Mendonça muito mais do que é possível expressar em palavras. Este breve tributo é uma maneira de mostrar o quanto: obrigado, mestre, inspiração permanente, sempre viva!

Antônio da Silveira Mendonça

João Angelo Oliva Neto (FFLCH, Universidade de São Paulo)

Conheci o professor Mendonça, como sempre o chamamos, numa manhã do segundo semestre de 1982, apresentado por Maria da Glória Novak, minha querida e excelente professora de Introdução à Língua Latina quatro anos antes no curso de Letras da Universidade de São Paulo. Aquele era meu último semestre da graduação e na época nem me sentia atraído pela pós-graduação nem achava que tinha as condições de fazê-la, mas desejava aprender latim,

que começara a apreciar nas aulas de Maria da Glória, e grego, não só por causa das línguas, atraentes para quem gosta tanto de português, senão também por causa dos textos antigos, entre outros, a *Iliada*, a *Odisseia*, a *Eneida*, as *Odes* de Horácio, que estão na raiz de obras fundamentais da literatura moderna, como *Os Lusíadas*, *Ulisses*, de James Joyce, e poemas de Fernando Pessoa, conforme eu tinha aprendido nos cursos de literatura portuguesa e inglesa que fizera. Tinha 25 anos, estava casado e lecionava português numa escola particular. Perguntei à professora Maria da Glória, minha referência em latim, o que deveria fazer para estudar as duas línguas, estando, como logo estaria, já formado, tendo de trabalhar como professor de português. Incontinentemente disse-me ela, com seu inconfundível sotaque carioca, que “deveria conversar com o professor Mendonça”, e prontificou-se a apresentar-me a ele, o que dias depois ocorreu na portaria do Bloco C nas Colmeias, onde então se ministravam as disciplinas de Letras.

Tendo sido apresentado, expliquei ao professor que desejava aprender aquelas línguas e que, formado, teria de trabalhar para sustentar-me. Não sabia se me deixariam frequentar os cursos como ouvinte, como pensava fazer e como amiúde ocorre até hoje em cursos de Letras (com exceção de Inglês, que proibia terminantemente a prática, assim como outras habilitações mais concorridas). De imediato manifestaram-se duas grandes qualidades de Mendonça, a generosidade e a prontidão, dado que logo me disse que eu poderia assistir às aulas como ouvinte, sem necessidade de matricular-me, e ainda se mostrou feliz que eu o fizesse, dizendo-me, ele também, que “conversaria com o Cavalcante”: José Cavalcante de Souza, era o catedrático, por assim dizer, da cadeira de grego, era para a área de grego o que Mendonça foi para a de latim. Para incentivar-me, lembrou-me que as aulas dessas habilitações ocupariam apenas três manhãs e que seriam ministradas complementarmente em cada uma, isto é, que sempre haveria duas aulas de latim e de grego nas mesmas manhãs, o que me seria conveniente.

Advertido por isso mas tendo mudado de ideia (queria agora que tudo fosse oficial), decidi prestar vestibular para latim e solicitar grego como habilitação complementar, o que logrei obter mercê de minha colocação. Chegou 1983 e comecei o curso: docente responsável por Língua Latina I, ministrada três vezes por semana (não havia naquele tempo Literatura Latina no primeiro ano) era o professor Antônio da Silveira Mendonça e então conheci mais uma qualidade dele, que era, porém, mais importante, talvez a maior: Mendonça era extraordinário professor: pontual e didático, era senhor da matéria que ministrava e do tempo de que dispunha, treinado por anos de docência no Colégio Santa Cruz no que era então o segundo grau. Culto e cosmopolita, ultrapassava a dimensão gramatical da matéria ministrada e já instilava nas aulas de língua elementos de literatura e cultura romanas e de cultura geral, que decerto ampliou quando viveu em Roma e em Aix-en-

Provence. Exigente e severo, advertia-nos de que era importante não faltar às aulas e estudar a matéria dada, e cobrava tudo nas provas que aplicava, que eram difíceis, mas bem elaboradas, porque abrangiam com exatidão cada ponto ministrado. Com Mendonça, não aprendia apenas latim, aprendia a ser o professor que concomitantemente eu era naqueles dias.

Era 1983, eu lecionava português e inglês em escolas particulares e a bem dizer não era feliz. Era 1983, eu assistia às aulas de latim e grego, e dizendo melhor era felicíssimo. Ser mais velho e mais maduro que meus colegas, recém-egressos do segundo grau, hoje vejo, não passou despercebido do professor, porque mais de uma vez disse que os alunos não tínhamos de olhar apenas para o futuro imediato, que dizia respeito aos anos de graduação e ao magistério secundário, mas tínhamos de mirar mais adiante, o que significava lecionar latim na própria Universidade, porque, como dizia ele, “nós, os professores daqui, não somos eternos”. Hoje sei que ele, do ponto de vista dele, assim fazia com todos alunos que se destacavam porque estava a zelar pelo futuro da cadeira de latim na Universidade de São Paulo, de que tanto cuidou e que tanto amava, mas – peço vênica para dizer aqui, que esta é hora de dizê-lo – ocorre que na ocasião, a partir do meu ponto de vista, o que ele dizia dava-me salutar perspectiva de deixar de dar aulas no segundo grau e passar a lecionar na Universidade para alunos que desejavam de fato estar ali, o que mudou o modo como cursei latim e grego na USP: graças a Mendonça, eu não estudava línguas antigas para ler melhor *Os Lusíadas*, *Ulisses* e os poemas de Fernando Pessoa, mas estudava-as para tornar-me, quem sabe, professor de latim na Universidade de São Paulo e quem sabe tornar-me um professor semelhante ao professor Mendonça, quando não estivesse a ler Camões, Joyce e Fernando Pessoa.

Em 1984 Mendonça disse-me algo de que jamais poderei esquecer-me: minha então esposa engravidou e, quando contei a ele o fato, falou: “são coisas assim que nos fazem sentir como avô”, que foi a maneira espontânea de dizer-me que nutria por mim afeto paternal. Mendonça ainda não tinha netos. No fim daquele ano me presenteou com uma edição de *Sintaxe Latine*, de Ernout e Thomas, com carinhosa dedicatória.

No segundo ano de curso, em Língua Latina III, o professor lia em sala textos latinos mais simples, como alguns de Fedro, Eutrópio e principalmente de Catulo, do Catulo com quem tive então o primeiro contato, mas Mendonça já não seria mais o docente responsável pelas disciplinas que cursei no bacharelado e nem por isso deixaria de estar presente na minha formação e na de alguns colegas em situações que ilustram a generosidade dele: corria o ano de 1988, e alguns alunos já bacharéis (eu estava no quarto ano, porque interrompera o curso quando nasceu meu filho), voltados à pós-graduação em filosofia, queriam continuar a estudar latim para pôr em prática o que haviam aprendido e aprender mais. Tiveram a ideia de pedir ao professor que

se reunisse com eles para ler, bem me lembro, as *Tusculanas*, de Cícero, à tarde depois das aulas na faculdade. Aceitou. Pensando agora, à parte nossa falta de noção, como se diz hoje, solicitar-lhe que se dirigisse à faculdade fora do período letivo no horário de lazer para trabalhar de graça só foi possível porque emanava dele uma atmosfera de generosa gratuidade e indubitável afeto por seus alunos.

Formei-me no mesmo ano e, como é de esperar, procurei-o para orientar-me e ele anuiu. Permitiu que escolhesse o que pesquisar e escolhi traduzir poeticamente poemas daquele Catulo de quem tinha aprendido com ele a gostar. Em 1989, já professor da área, eu era colega e aluno de Mendonça, pois lecionava ao mesmo tempo que cursava as disciplinas de pós-graduação, das quais a primeira foi justamente ministrada por ele. Era curso sobre Salústio, cujas obras ele mesmo traduzira. Não divergávamos pouco sobre a melhor maneira de traduzir tal autor, discutíamos, e hoje, às voltas com a tradução de Plínio o Jovem, entendo que, se Salústio permitia de fato certa elocução arcaizante e invertida, que Mendonça em prol da imediata legibilidade recusava mesmo quando ocorria no original, ela não era empregável em toda e qualquer situação, como queria eu. Percebo agora que Mendonça já se tinha dado conta de que, mesmo quando não se tratava de tradução, o português empregado em muitas teses e dissertações em Humanidades já era um verdadeiro patoá supostamente acadêmico, que é antes mixórdia, do que linguagem conceitual. Já se tinha dado conta, queria advertir-nos e tinha autoridade para fazê-lo, pois é fato que suas traduções são impecáveis porque impecável era seu domínio do latim e do português: além de Salústio, traduziu Júlio César, Suetônio, Plínio o Velho, Vitruvius, Ovídio; do italiano traduziu o estudo de Luciano Canfora sobre Júlio César e nas introduções e comentários das versões é sempre claro, objetivo e preciso.

Nos anos seguintes, na década de 1990, quando eu continuava a cursar disciplinas do mestrado, havia no Brasil a possibilidade de, mesmo nesse nível, estagiar no exterior com bolsa de estudo, e Mendonça exortava-me a mim e a outros jovens professores a “sair do país e ver a Europa”, como dizia, pensando sempre na França e na Itália. Era vivo seu desejo de insuflar nos mais jovens aquela postura cosmopolita, visível ademais pelo fato de que, toda vez que algum professor estrangeiro de letras clássicas visitava São Paulo para algum congresso, Mendonça fazia questão, trilingue e urbano que era, de convidá-lo a jantar em sua casa, para o quê convidava outros professores e também a nós, então jovens docentes, para privar dos estrangeiros, estabelecer relações acadêmicas e assim ter possibilidade de ser acolhidos no exterior quando chegasse o momento. Quanto a mim, só pude assim fazer no doutorado e, se bem que Mendonça já não fosse meu orientador (pois a matéria era grega), fui de fato bem acolhido em Roma por um dos vários professores que ele recebera.

Defendi o mestrado em 1993 e três anos mais tarde, quando a dissertação foi publicada em livro, fui aconselhado a retirar do texto toda marca de trabalho acadêmico. Assim fiz e me arrependo de não ter pelo menos consignado que o livro se originara de uma dissertação de mestrado orientada por Antônio da Silveira Mendonça. Hoje, quase 30 anos depois, terei a oportunidade de fazê-lo na segunda edição embora não a tempo de que ele veja, o que não me amargura pouco. Várias outras vezes durante os anos seguintes o professor recebeu-nos em casa, mesmo sem a presença de docentes estrangeiros ou a ocorrência de alguma efeméride, mas simplesmente para exercer a amizade, para praticar a fidalguia, e foi assim que conhecemos seus filhos e netos. Pude retribuir pelo menos uma vez em grande estilo pois que, quando morava em Roma em 1997, recebi-o para jantar, a ele e a sua gentilíssima esposa, dona Zulmira.

Nossa convivência na Faculdade diminuiu quando se aposentou da USP e foi lecionar na Unicamp, mas conversávamos ao telefone e nos encontrávamos em eventos e naqueles jantares que oferecia. Muito me orgulha ter sido convidado e ter comparecido à festa de aniversário de seus 90 anos em 2013, quando o vi pela última vez. Comove-me muito hoje manusear o livro que me deu, ler a dedicatória que escreveu e lembrar como faço aqui que tive a honra e o privilégio de privar do professor, do latinista, do orientador, do tradutor, do colega, do amigo e do exemplo de homem que Antônio da Silveira Mendonça foi.

Hoje não está entre nós e, se a ausência punge, consola-me por um lado o saber-me inserido na mesma cadeira e na mesma Instituição que com ele aprendi a amar, e consola-me por outro a possibilidade, que se manifesta para mim como esperança e meta, de ser para meus alunos, meus orientandos, meus amigos, meus colegas e meu trabalho aquilo tudo que ele foi.

Uma nota saudosa sobre minha vivência com o professor Mendonça

Patricia Prata (IEL/Unicamp)

Durante minha graduação em Linguística, nos distantes anos de 1994 a 1997, tive o imenso prazer e honra de conhecer o professor Antônio Silveira Mendonça e conviver com ele. O professor foi o patrono da área de Estudos Clássicos no IEL, já que, no final de década de 1980, a convite do Departamento de Linguística, introduziu oito níveis de disciplinas de Latim e Grego, o que possibilitou uma formação mais completa aos alunos e a consolidação da área na pós-graduação. Ele também foi professor dos docentes de grego e latim do Instituto à época e orientador na pós-graduação de alguns deles, o que significa que ele foi a base da formação do quadro docente da área de Estudos Clássicos do IEL.

Minha primeira aula no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp foi de Latim. Apaixonei-me pelo estudo da língua, estimulada pela

brilhante aula ministrada pelo professor Paulo Sérgio de Vasconcellos (que foi aluno e orientado do professor Mendonça e que veio a ser meu orientador na pós-graduação), e, já naquele momento, disse para mim mesma: “quero continuar com esse estudo pelo resto de minha vida”. E assim o fiz. A partir daí iniciei minha carreira na área que culminou na minha atual atividade, ser docente de Latim no mesmo Instituto em que entrei em contato com o universo da língua, literatura e cultura latina. E, em meu caminhar, tive a grande honra de ser aluna do professor Mendonça, como era conhecido e chamado por seus colegas e alunos.

Fui sua aluna por apenas um semestre, quando ele ministrou a disciplina de Latim IV para minha turma. Foi pouco o tempo de convívio em sala de aula, mas o suficiente para ver sua grandeza enquanto professor e ser humano. Como professor, era um tutor nato, além de seu profundo domínio da língua latina, Mendonça era um poço de conhecimento da literatura, história e cultura greco-romana. Ele falava da história do povo romano como se fosse íntimo deles, como se tivesse vivido naquela época – nunca me esquecerei de ele dizendo que os romanos, em suas origens, nada mais eram que um povo simples e iletrado, que, por sua força bélica, conquistou seu espaço e se viu impelido a buscar e criar uma cultura letrada quando do crescimento de seu império. Com ele, pude conhecer a fundo os prosadores romanos, como o historiador Salústio e os escritos de Júlio César – Mendonça traduziu, entre outras obras, *A conjuração de Catilina* e a *Guerra de Jugurta*, de Salústio, e a *Guerra civil*, de Júlio César.

Apesar de ter tido apenas um semestre de aula com ele, Mendonça sempre esteve presente em minha caminhada acadêmica e pessoal. O professor foi membro titular da banca examinadora do concurso de meu ingresso no IEL – passar por seu crivo foi uma grande régua para ver que estava no caminho certo e preparada para o labor que me esperava!

Como ser humano, Mendonça era de um caráter impecável, falava o que precisava ser dito, de forma clara e sem rodeios (doa a quem doer), pois a verdade e a retidão estavam em primeiro plano. Com ele, aprendi a ser uma pessoa e profissional muito melhor, atenta à virtude de uma boa conduta na vida e no trabalho.

Também não posso me esquecer dos agradáveis churrascos e almoços que ele oferecia uma vez por ano a nós, seus colegas da Unicamp, para confraternizarmos. O professor era um anfitrião impecável e de uma generosidade ímpar. Impossível não me recordar dos dias aprazíveis que passamos juntos.

O que dizer mais sobre o grandioso professor Mendonça? Que ele deixou um grande legado para a área de Estudos Clássicos do IEL-Unicamp, muitas saudades e uma lacuna que nunca poderá ser preenchida... Professor, o senhor

foi para nós um grande e importante mentor. Foi uma honra conhecê-lo e compartilhar um pouco de sua existência.

Ao mestre Antônio da Silveira Mendonça

Isabella Tardin Cardoso (IEL, Unicamp)

non scholae sed uitae discimus

“Professor tem de ter voz de boiadeiro!”, dizia Antonio da Silveira Mendonça já em 1990, aos alunos da disciplina de latim III, que eu cursava durante a graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante suas aulas, em várias ocasiões, ele sublinhava o sentido concreto de termos latinos referentes a atividades mais abstratas: “*cogitare*, latim para ‘cogitar’, vem de *agere*, ‘levar a boiada’”, “*meditare* era exercitar-se no ginásio, fazer ginástica...”.

Era um exemplo generoso dessa inspiração vinda da prática, que nos urgia a manter o olhar no texto e os pés no chão. Impressionava a nós, alunos, com seu conhecimento profundo da língua latina e portuguesa, e, ao mesmo tempo, com suas anedotas, com sua didática e presença em sala de aula. Reiterava o quanto era necessário haurirmos de jornais e de leituras nos mais diversos campos, atentando às palavras, a fim de expandirmos o vocabulário e atualizarmos a dicção para trazer ao mundo contemporâneo os textos antigos. Lembrava que, segundo certa entrevista, Chico Buarque não conhecia todos aqueles passarinhos de sua música: por mais desapontador que fosse, ele se baseara em dicionários... Dessa forma, relativizando a ideia de genialidade pura e simples, o professor chamava atenção para a construção do conhecimento, e, com isso, para a possibilidade democrática do desenvolvimento de cada um.

Quando atuei como monitora em suas turmas de latim, pude assistir mais de uma vez às aulas nas disciplinas e usufruir não apenas dos aspectos gramáticos e pedagógicos, mas ainda de sua visão social na academia. Preocupava-se com o andamento da turma, mas também com as relações entre alunos, entre os monitores, com os funcionários. Mal sabia eu que, alguns anos mais tarde, o professor Mendonça seria meu orientador de Mestrado, de Doutorado (ambos cursados no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da USP), e, sobretudo, seria tão importante referência para minha profissão como docente de latim, naquele mesmo Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp.

Era, como sinal de sua prudência, um tanto cauteloso e mesmo desconfiado... Uma relação mais próxima passamos a ter desde que me decidi por prosseguir na pós-graduação em língua latina. Ao consultá-lo quanto a sua possível orientação, sua reação foi bastante franca: “Você tem condições

de se manter e esperar até ter uma profissão rentável?”, essa foi sua primeira pergunta, eivada de pragmatismo. Quando eu lhe assegurei que daria um jeito, continuando a trabalhar enquanto cursava a pós-graduação, o professor me propôs uma prova de proficiência em latim, e, satisfeito com o resultado, garantiu seu aceite se eu passasse no processo seletivo da USP.

Quando isso aconteceu, foi ele quem, com uma sábia intuição, me sugeriu a peça *Estico* de Plauto, indicando que era um assunto inexplorado no país, pouco visto no mundo. Trazia-me cópias de estudos fundamentais para a pesquisa, numa época em que dificilmente eu teria acesso a tais textos. Convidava-me, junto com outros colegas de Estudos Clássicos, a jantares junto com sua adorável família em sua casa em São Paulo, em recepções para pesquisadores estrangeiros ou para comemorar importantes eventos – ocasiões durante as quais sempre havia um prato em que ele houvesse se esmerado. Tudo isso ele fazia também como estímulo ao entrosamento de seus orientandos com o mundo acadêmico brasileiro e à internacionalização.

No mesmo sentido, o professor me dava muita liberdade para pesquisar, aprofundar os temas, contatar estudiosos, e foi um grande incentivador de minhas viagens acadêmicas, apoiando-me com cartas de recomendação, sugerindo pesquisadores como contato. Procuo, assim, tomá-lo como modelo para minhas próprias orientações.

Tinha fama de durão, e, de fato, não hesitava em repreender, mesmo em público, algum comportamento que julgava pouco considerado. Contudo, do que mais me lembro é que ele era extremamente paciente com minha (demorada) redação do texto de Mestrado e de Doutorado, e compreensivo com todas as dificuldades que surgiram. Dizia, espirituoso, “Mas isso está parecendo o milagre de Santantão”, ou, ao final, “não gaste muita tinta...”.

Tomo como exemplo da humildade necessária ao conhecimento científico uma cena (que não raro recorde junto a meus alunos): trata-se de sua ponderação ao revisar, ao meu lado, o texto dos primeiros capítulos da dissertação. Em lugar de simplesmente sugerir a mudança em alguma expressão que não lhe fosse familiar, o professor, mesmo sendo perito nos idiomas e tão experiente em orientar (grande número pessoas que são hoje, muitas delas, professores de latim no Brasil), não se furtava a buscar no segundo andar de sua casa pesados volumes de léxicos, para, junto comigo, neles conferir as possibilidades de expressão. Com o tempo, passou a me permitir que lesse, antes de publicações, alguns de suas traduções de textos latinos, para eventuais sugestões - algo em que pouco pude contribuir (tal era a qualidade de sua escrita), mas que muito me honrava.

Apenas ao me tornar professora na Unicamp, tive consciência de que a própria configuração das Letras Clássicas/ Estudos Clássicos no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp se deve a um projeto do professor Mendonça, que, selecionado pelo Departamento de Linguística, assegura uma

continuidade das disciplinas de línguas clássicas I a VIII, a qual se mostra, efetivamente, indispensável à formação dos alunos e à existência de pesquisa na área. Trata-se de um projeto que pode parecer simples, mas que o tempo mostrou eficaz, e é fruto de um amor pelo conhecimento da língua e das culturas antigas e moderna, ancorado na prática de ensino e em seu olhar sobre as relações humanas.

Hoje vejo o quanto o professor Mendonça tomava para si essa missão de dar continuidade tanto aos esforços dos docentes, colegas e alunos, como à convivência acadêmica para além do campus, numa atmosfera social prazerosa, quer em São Paulo, quer em sua casa de praia, em Ubatuba, em companhia da querida esposa Zulmira, e eventualmente com a presença de seus filhos e netos.

Essa prática de visitá-lo, indo de Campinas para a Vila Madalena em São Paulo, junto com meus colegas docentes da Unicamp e alguns da USP, era invariavelmente um momento de confraternização fundamental para todos nós, como intelectuais, professores e seres humanos. Ainda que tornada cada vez mais rara pelos demais compromissos, e agora impossibilitada pela partida do anfitrião, a imagem dos estudiosos em volta da mesa do professor Mendonça sem dúvida assim permanecerá, como um símbolo do apreço pelos saberes e valores que nos unem em amizade, vívida em nossa memória.

Gratidão a um mestre exemplar nas Letras e na vida.

Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL/Unicamp)

Em 1978, ingressei no curso de Letras da USP, na habilitação de Português; cursei o que então se chamava “currículo mínimo”, que compreendia, entre outras disciplinas, dois semestres de latim. No ano seguinte, cursei duas disciplinas optativas de Latim e, cativado pela língua e literatura latina, fiz de novo o vestibular e ingressei nos cursos de Latim e Francês. No primeiro e no segundo ano dessa nova etapa no meu percurso acadêmico, tive aulas com o Professor Mendonça e, a partir delas, decidi me dedicar à área.

Que qualidades me encantaram naquelas aulas pelas quais eu aguardava ansioso toda semana? Mendonça tinha uma clareza absoluta na explicação e comentário da gramática latina, expondo os conteúdos mais complexos de forma didática; além disso, tinha um estilo muito vívido de dar aulas, que tornavam saborosos os itens mais miúdos do programa da disciplina. Grande conhecedor da literatura em língua portuguesa, pontuava as suas observações com citações de escritores da Antiguidade e da literatura brasileira e portuguesa que estabeleciam uma ponte entre o mundo antigo e o moderno e contemporâneo. Conhecedor exímio também da língua portuguesa, com dons de linguista, Mendonça nos apontava fenômenos do português brasileiro

com os quais se podiam comparar e contrastar aos dados do próprio latim. Dessa forma, a aula de língua ganhava uma amplitude incomum.

No segundo ano do curso de Latim, traduzimos Catulo nas aulas do professor, o que era possível por ter o primeiro ano da disciplina de língua fornecido um panorama amplo das estruturas gramaticais dessa língua. Já ouvi um conhecido professor de Literatura Brasileira da USP comentar que foi com as aulas de Mendonça que ele aprendeu o que significa, de fato, traduzir, e eu digo o mesmo. Não se tratava apenas de traduzir e fazer a exegese gramatical dos textos, mas de examinar em profundidade, pesando-as, cada palavra, cada expressão e as várias possibilidades de tradução, refletindo sobre ganhos e perdas a cada momento. Mendonça, que dominava o contexto social daqueles poemas, dos fins da República romana, cativava-nos também com uma espécie de imersão no mundo antigo, permitindo-nos confrontar com ele nosso próprio mundo, mas, sobretudo, ter em conta, em nossas análises, o contexto histórico, social e cultural de uma obra literária.

Entro num terreno mais pessoal: naquele tempo de estudante da USP na graduação, vindo do interior e fazendo parte de uma família de classe média, podia viver modestamente na capital, mas não sobrava muito dinheiro, a cada mês, para a compra de livros. Como um estímulo a meus estudos, Mendonça mais de uma vez presenteou-me com livros de latim que o saudoso livreiro “Seu” Jaime vendia na FFLCH, obras como o resumo de sintaxe de Francis Blatt, que tantas vezes compulsei. Esse gesto dá um exemplo, e haveria tantos outros, da generosidade do mestre, que era um homem da maior seriedade (de uma autêntica *grauitas*), mas ao mesmo tempo afável e preocupado com o desenvolvimento de seus alunos e orientandos.

Em resumo, Mendonça acabou se tornando, para mim, exemplo a ser seguido, no modo vívido de dar aulas, na busca da clareza didática sem superficialidade, no entusiasmo pela área, na retidão e respeito pelos alunos. Sou-lhe muito grato também pelo fato de que, ao cursar Latim, eu não nutria nenhuma pretensão em me profissionalizar na área, pois achava que não haveria campo profissional em que pôr em prática o que aprendia (eram tempos em que escasseavam concursos para docentes de Latim) e sobreviveria, então, ministrando aulas de Português no ensino médio. Mas o latim logo me abriu portas no mercado de trabalho e acabei me tornando professor da Universidade Mackenzie, em 1985, depois da USP e, por fim, da Unicamp. Como agradecer a quem foi o principal instigador de uma paixão pelos estudos clássicos que acabou se tornando muito mais que meu ganha-pão, um trabalho prazeroso de docência e pesquisa?

Fui chamado em 1988 para dar aulas na Universidade Estadual de Campinas pelo próprio Mendonça, integrando, assim, um grande projeto de desenvolvimento dos Estudos Clássicos naquela universidade. Nessa fase em que fui seu colega de profissão, vivendo o dia-a-dia do nosso Instituto

de Estudos da Linguagem, de novo confirmei a honestidade intelectual, a retidão do caráter e a generosidade já conhecidas, a que se somou infatigável capacidade de lutar pela área: foi graças a sua atuação que hoje temos na graduação daquele instituto oito disciplinas de Latim e oito de Grego, que permitem formar alunos que podem ingressar na pós-graduação e se dedicar, se desejarem, a uma carreira acadêmica na área. Algo que sempre devemos lembrar: a história dos Estudos Clássicos como uma área florescente na Unicamp começou com a vinda do professor Mendonça ao Instituto.

Volto a uma nota mais pessoal. Várias vezes meus colegas de Unicamp e alguns professores da USP foram convidados por Mendonça e esposa para almoçarem na casa deles. O professor era excelente anfitrião, como que nascido para congregar as pessoas, e ele mesmo preparava alguns dos pratos em almoços embalados por suas histórias (evocava lembranças do período da ditadura, por exemplo) e estórias saborosas, comentários sobre a atualidade e o mundo clássico. Em várias ocasiões, quando professores estrangeiros visitavam universidades brasileiras, Mendonça os convidava e a seus orientandos e colegas professores; antes de se banalizar a ideia da importância da “internacionalização” das pesquisas, o professor já nos estimulava a estabelecer contatos com docentes-pesquisadores de outros países e a realizar estágios de pesquisa no exterior. Foi assim que entre 1993 e 1994, realizei uma pesquisa com bolsa da Capes supervisionada pelo professor Michele Coccia, da Università degli Studi di Roma.

Outra faceta do professor que também sempre admirei: seu posicionamento político em defesa da democracia, que lhe valeu a inimizade da ditadura militar. Em tempos obscuros como os nossos, é bom ressaltar que não se tratava de ser de esquerda, de centro ou de direita, mas de defender os princípios da civilidade contra a barbárie.

Por fim, na atividade tradutória, Mendonça deixou-nos, entre outras, traduções de Salústio e César que, sólidas do ponto de vista filológico, primam pelo bom gosto da escrita e fluência, um ideal tradutório que o mestre defendia e praticava com excelência.

A área de Estudos Clássicos da Unicamp é tributária direta do empenho e capacidade de visão do professor Mendonça; quanto a mim, devo-lhe o estímulo inicial e fundamental para me dedicar a um campo de estudos que se tornou meu centro vital no mundo. Expresso, então, meu sentimento de profunda gratidão ao mestre; na lembrança e na influência sobre mim de suas exemplares lições de professor e ser humano, espero, na medida de minhas possibilidades, retribuir ao professor Mendonça o muito que lhe devo e sempre deverei.

Minha convivência com o professor Antonio da Silveira Menonça

Marco Aurelio Pereira (IEL/Unicamp)

Conheci o Prof. Antonio S. Mendonça no início do ano letivo de 1989 no IEL/UNICAMP, quando, tendo ele aqui ingressado recentemente como docente do DL, ministrou a disciplina HL343 (Latim III). De fato, havendo apenas duas disciplinas de língua latina (HL143 e HL243) no currículo do curso de Letras que eu aqui realizava, ambas cursadas ainda em 1985, ano de meu ingresso como aluno do Instituto, foi com grata surpresa que, quatro anos depois, eu vi que poderia cursar outras disciplinas de latim. Assim foi que, se nos semestres anteriores eu havia estudado praticamente apenas a morfologia da língua latina, salvo alguma breve investida na compreensão de textos originais de Santo Agostinho, p.ex., pelas mãos do antigo professor de latim do IEL, Prof. Waldyr C. Luz (também docente aqui de língua grega), agora eu passava a estudar mais a sintaxe latina, além de traduzir, sob as mãos do Prof. Mendonça, sobretudo textos de e sobre César e Fedro, entre outros, além de fragmentos do Novo Testamento, como já fizera antes com Prof. Waldyr. Ao final daquele mesmo primeiro semestre de 1989, foi com ainda mais grata surpresa que recebi do Prof. Mendonça, por conta de meu desempenho na disciplina ministrada por ele, convite para me inscrever no processo seletivo de ingresso no Mestrado em Letras Clássicas da FFLCH/USP, onde ele ainda orientava alunos de pós-graduação. À época, havia dois momentos em que se podia fazer isso na USP, final do primeiro e do segundo semestres letivos. Resolvi me inscrever ao final de 1989, pois ainda queria cursar outro semestre de latim no IEL, coisa que fiz com outro professor, depois colega e amigo, Paulo S. Vasconcellos, além de ter outras áreas de meu interesse para pensar em qual delas seguir.

Desde o primeiro contato com o Prof. Mendonça, pude testemunhar com que afincamento ele se dedicava ao ensino do latim, entusiasmando sempre os alunos com suas aulas magistrais, que sempre iam bem além do conteúdo inicialmente proposto. Esse entusiasmo tomou conta de mim de tal forma, que não tive mais dúvidas ao me inscrever no processo seletivo da USP, e o fiz porque, à época, não havia meio de ingressar na pós do DL/IEL para estudar línguas e literaturas clássicas. Naquele primeiro momento, pretendia traduzir e estudar o *De Magistro* de Agostinho; no entanto, vendo que o texto já fora alvo de vários estudos, resolvi trabalhar com a poesia latina e passei a estudar as *Bucólicas* de Virgílio, tema também de vários trabalhos anteriores; por sugestão do professor, resolvi, por fim, estudar os gramáticos antigos, dada minha formação no IEL, onde havia uma carga razoavelmente grande de disciplinas de Linguística no currículo de Letras. E assim cheguei a estudar,

como tema do Mestrado e do Doutorado, sob orientação do Prof. Mendonça, o retórico latino Marco F. Quintiliano.

Na USP, entre outras tantas disciplinas, cursei uma com o Prof. Mendonça sobre o historiador romano Salústio. Como nas disciplinas de graduação, o esmero com que o professor abordou o tema do curso sempre me fascinava e envolvia, dando-me a certeza de que fizera a escolha certa. Ele era rigoroso, mas ao mesmo tempo bastante acessível e entusiasmado como sempre. Em suma, o professor sempre me incentivou durante os vários anos do Mestrado e do Doutorado, emprestando-me ou dando-me generosamente várias obras importantes para a realização de meus trabalhos, especialmente aquelas de mais difícil acesso na época, onde apenas se começava no país a ter acesso à Internet e seus recursos, mas também porque várias obras não estavam disponíveis nas bibliotecas da USP e da UNICAMP. Sua generosidade, no entanto, não se resumia apenas em seu trabalho como orientador. Logo passei mesmo a frequentar sua casa em S. Paulo, seja para tratar do tema dos trabalhos que eu realizava, seja para participar dos inúmeros convites para, com outros colegas da área de latim, almoçar e jantar com ele e sua esposa, D. Zulmira, antiga professora de francês. Durante vários desses momentos, conheci professores estrangeiros que o professor chegou a hospedar em sua casa de praia em Ubatuba, como também fizemos, eu e vários colegas. Em suma, estava estabelecida uma amizade que me era preciosa e eu muito prezava.

Cerca de oito anos após ter ingressado como docente no DL/IEL, o Prof. Mendonça resolveu aposentar-se de vez, coisa que já fizera na FFLCH/USP. Por essa época, em 1997, eu já defendera a dissertação de Mestrado e estava prestes a cursar o Doutorado, quando recebi do professor o incentivo para prestar um processo seletivo para contratação de um docente de latim no IEL, algo que fiz no final do segundo semestre daquele ano, iniciando meu trabalho no Instituto no ano seguinte, 1998.

Mesmo bem depois disso, nosso contato e nossa amizade continuaram e apenas deixamos de nos ver com mais frequência por conta da pandemia de 2019, que nos obrigou todos a um isolamento forçado. Por conta de sua idade já avançada, evitei, como outros colegas, visitá-lo para não colocar em risco sua saúde, mas nosso contato prosseguiu por telefone e, assim que a pandemia pareceu bem controlada, tínhamos planos, eu e outros colegas também orientados por ele, de voltar a frequentar sua casa. Infelizmente, o professor teve vários problemas de saúde nos anos que se seguiram e, embora mantivesse sua lucidez e apenas tivesse um problema auditivo de início, veio a falecer no final do ano passado, 2023. Isso foi um grande choque para todos, pois o Prof. Mendonça sempre nos parecera ter uma saúde férrea, e a dimensão de sua partida pode ser avaliada pela reação de tantos alunos por ele orientados, além dos inúmeros colegas e amigos por ele conquistados ao longo da vida. Em suma, apesar da saudade e da tristeza por seu passamento,

considero uma dádiva ter conhecido o professor, de história intelectual tão rica há tantas décadas, por cujas mãos passaram tantas pessoas bem conhecidas na academia, tanto na USP quanto na UNICAMP e outras instituições de renome, dentro e fora do país.

Depoimento sobre Antônio da Silveira Mendonça

Flávio Ribeiro de Oliveira -IEL, Unicamp

Antônio da Silveira Mendonça foi meu professor de Latim por alguns anos, a partir de 1987. Era um professor completo, erudito – mas nós, seus alunos, com uma familiaridade que ele incentivava, só o chamávamos de Mendonça, sem prenome, sem título acadêmico: ele era simplesmente o Mendonça.

Além de professor exemplar, foi um amigo de que já sinto falta. Lembrome dos jantares em sua casa, das conversas que iam noite adentro – aquelas conversas luminosas, guiadas por sua cultura imensa, mas nada pretensiosas: simples e espontâneas como ele. Mendonça era a antítese do figurão acadêmico. Seu vasto saber se manifestava com graça e leveza, sem pose, sem nada daquele pedantismo que às vezes acompanha a vida acadêmica.

Em 1986, eu era um jovem estudante de filosofia na USP e estudava grego antigo para poder ler meu Platão no original. Nossa professora de grego, Anna Lia de Almeida Prado (outro modelo de erudição, generosidade e modéstia), era também professora de latim. Nas aulas, costumava comparar o grego com o latim, lembrando a comum origem indo-europeia das duas línguas. Decidi que deveria estudar latim também. Mas já estávamos no segundo semestre e eu deveria esperar o ano seguinte para poder me matricular no curso de Latim I. Nessa época, eu morava no Largo do Paissandu. Impaciente, atravessei o viaduto Santa Ifigênia e fui bater às portas do Mosteiro São Bento, perguntando se haveria ali algum monge abnegado que pudesse começar a me ensinar o latim. Assim começou meu latim, sob a orientação de dom Bernardo Botelho. Às vezes, passava as tardes de sábado na biblioteca do São Bento, estudando e conversando com dom João Mehlmann, o borgeano bibliotecário do mosteiro. Ele me dizia: “você deve estudar latim na USP; ali há o Mendonça...”. No ano seguinte, fiz minha matrícula e passei a seguir regularmente as aulas do Mendonça. E, desde então, na vida e na academia o Mendonça foi para mim um professor, um mestre, um amigo.

Eu poderia concluir este depoimento lembrando tantas qualidades dele: seu absoluto domínio da língua e da literatura latina, sua paixão pela docência, sua modéstia, sua generosidade, sua cordialidade, sua inteligência, seu gosto pelo diálogo, seu senso de humor... Essas qualidades são notórias: penso que todos os seus ex-alunos se lembram delas. Mas, nos tempos sombrios em que vivemos – tempos em que, sem vergonha, voltam a se erguer vozes

truculentas que defendem posições de extrema-direita, que insuflam a ruptura violenta do Estado de direito, que manifestam nostalgia impudica da nefasta ditadura militar que tanto mal fez a nosso país – nestes tempos tristes, prefiro, para concluir, lembrar as convicções democráticas do Mendonça. De fato, muita gente imagina que o classicista, por estudar línguas e culturas antigas, seja politicamente conservador – ou, pior ainda, retrógrado. Esse lugar comum é falso: para desmenti-lo, bastaria um bate papo com Claude Calame, com Luciano Canfora – ou com o próprio Mendonça. Era um democrata intransigente, avesso a toda forma de autoritarismo na política. Sempre teve a coragem de se opor, com palavras e ações, àquilo que é ética e politicamente inaceitável. Defendia sem hesitação – mesmo quando, durante a ditadura militar, fazê-lo era perigoso – aquelas mudanças urgentes que, no Brasil, são imprescindíveis para alcançarmos um estado de equidade e de justiça social. Ouvi dele, mais de uma vez: “o fato de sermos classicistas não nos dá o direito de sermos conservadores”.

Mendonça foi um homem de palavra – em todos os sentidos que possa ter essa expressão – sem deixar de ser, sempre que necessário, um homem de ação.